mediação
UEMG - UNIDADE UBÁ
EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

Ano 2026 Edição 14
Jan / Jun. 2022

ISSN 2317- 4838

FAWCETT E O MISTÉRIO DA CIDADE PERDIDA DE Z: A COSMOGRAFIA DE UM MITO!

FAWCETT AND THE MYSTERY OF THE LOST CITY OF Z: THE COSMOGRAPHY OF A MYTH!

Ítalo Lima de Moura

RESUMO:

A partir de uma abordagem decolonialista intentamos percorrer os caminhos dos mitos, a fim de que possamos demonstrar como as imagens e os discursos perpetrados por eles ajudam a reforçar os estereótipos e as visões distorcidas da realidade, o objetivo do artigo é demonstrar como o sujeito viajante concebe e imagina a região que visita, lançando mão de construções discursivas milenares, a pergunta a ser respondida é: como essas imagens ressaltam ou reforçam os estereótipos sobre a Amazônia? A pesquisa se baseia na edição especial da Revista Realidade (junho de 1975), nesta edição o repórter e explorador Antônio Callado conta a história de Fawcett e a sua eterna busca pela Cidade Abandonada dos Bandeirantes.

PALAVRAS-CHAVES: Decolonialismo, Imagens, Amazônia, Fawcett.

mediação
UEMG - UNIDADE UBÁ
EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
Ano 2026 Edição 14
Jan / Jun. 2022
ISSN 2317- 4838

ABSTRACT:

From a decolonialist approach, we intend to go through the paths of myths, so that we can demonstrate how the images and discourses perpetrated by them help to reinforce stereotypes and distorted visions of reality, the objective of the article is to demonstrate how the traveling subject conceives and imagines the region he visits, making use of millenary discursive constructions, the question to be answered is: how do these images highlight or reinforce stereotypes about the Amazon? The research is based on the special edition of Revista Realidade (June 1975), in this edition the reporter and explorer Antônio Callado tells the story of Fawcett and his eternal search for the Abandoned City of Bandeirantes.

KEYWORDS: Decolonialism, Images, Amazon, Fawcett.

mediação
UEMG - UNIDADE UBÁ
EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
Ano 2026 Edição 14
Jan / Jun. 2022
ISSN 2317- 4838

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo buscamos abordar alguns aspectos do imaginário social e as nuances históricas que ele desprende quando do confronto com outras particularidades, já que os relatos de viagens nos possibilitam a aproximação com a História do Brasil. O relato de viagem aqui em questão foi empreendido por Percy Harisson Fawcett, explorador inglês que intentou encontrar, na região do Brasil Central (Xingú), a misteriosa Cidade Perdida dos Bandeirantes, ao qual julgava existir entre a Serra do Roncador. Embrenhou-se na mata e nunca mais apareceu.

Buscamos demonstrar através dos mitos propostos pelos relatos de viagens como as figuras e imagens construídas a partir deles, reforçam ou assumem estereótipos sobre a Amazônia e as suas populações humanas. Ao longo da história veremos que os mitos ajudaram a reforçar visões distópicas da realidade, figurando no rol das histórias fantásticas sobre a região está o mito da cidade perdida, da qual a Revista Realidade de Junho de 1975 dedicou uma edição especial. E é essa revista que utilizaremos como a fonte principal de nossa pesquisa.

Buscamos nesse trabalho justamente percorrer o caminho do mito e as construções míticas sobre a Amazônia a partir de dentro, de quem contempla essas realidades de perto, não para desdizer ou desacreditar o que já foi dito, mas para que a nossa resposta discursiva se torne outra possibilidade de interpretação e análise, pois como bem nos demonstra a autora Chimamanda Ngozie Adichie (2019) “há sempre um perigo numa história única”, história essa construída por um olhar dirigido, colonizador.

Os estereótipos têm como pano de fundo justamente essa reafirmação, construção de um padrão hegemônico, criado com fins de reprodução, objetivando a idealização de rótulos, que, por fim, ditam regras e comportamentos a fim de padronizar as imagens de forma bem apelativa, a narrativa e o empreendimento de Fawcett constrói todo um percalço que reafirma todas essas imagens em relação à Amazônia, que juntas, ajudam a construir e a reforçar outras narrativas embebidas de visões devaneantes sobre a região.

Na Revista Realidade, o repórter Antônio Callado nos conta a história do explorador Fawcett em comemoração aos 50 anos de seu desaparecimento nas florestas do Xingú. Na revista temos mapas e imagens que fazem parte do acervo de Antônio Callado e Paul Kigar. O sonho de Fawcett era um sonho antigo. Encontrar uma cidade toda de prata. Neste artigo vamos justamente navegar no mito para que através dele possamos perceber as imagens que brotam desse viajante que vem, explora e vai embora.

Mas bem mais que imagens, os mitos permitem uma aproximação com nossa própria história e através deles podemos descontruir conceitos e visões que passaram despercebidos, conceitos que acabaram se passando por verdades, muitos permanecem irrefutados, pois o mito é constituidor de identidades, carregado de culturalidade, encerram páginas fundamentais de uma história que nos diz respeito, tal qual nos escreveu Darlene Sadlier (2016).

Os estudos pós-coloniais e decoloniais têm crescido muito na Amazônia no decorrer dos últimos anos e cada vez mais tem se tornado necessário o entendimento de tais conceitos e métodos para um estudo da reprodução de discursos, para a constituição dos preconceitos referentes ao lugar e ao povo que constitui a região, é preciso que se criem mecanismos e processos de reafirmação e valorização da Amazônia, além, é claro, das diversas populações que vivem nela.

As discussões aqui apresentadas serão de suma importância para a criação de um pensamento livre de conceitos que nos são tão caros, por último, as discussões apresentadas nesta abordagem nós servirão de base para o entendimento dos estudos que estão sendo encaminhados na Amazônia referente à descolonização, dos percalços, dos objetivos até aqui atingidos e, principalmente, dos novos rumos e desafios a serem tomados.

1.Como nascem os mitos?

Os mitos são constituidores de identidades, são construídos pelo tempo e espaço, são perpassados pela oralidade, ao longo dos anos vão sendo repassados de geração para geração, os mitos são formadores de opiniões, de imagens e códigos, os mitos constituem memórias e podem ser estudados em um contexto amplo sociocultural. Os mitos nunca são somente mitos, podem significar muito mais que isso nas sociedades que lhes deram voz.

Alberto Mussa (2009) nos demonstra que os mitos superam as simples fronteiras locais e passam a ocupar diferentes espaços, em diferentes contextos, partindo a uma cosmografia universal. Os mitos, portanto, nascem da tradicionalidade, partiram da oralidade para a escrita e assim se conservam enraizados na cultura dos povos em diferentes épocas e contextos, mas que partem de um mesmo lugar comum, para ele, por exemplo, há uma aproximação dos mitos tupinambás com os da Odisséia de Homero, ao qual ele resgata da obra de Thevet.

Sadlier (2016) nos demonstrou que os mitos enraizados na cultura europeia encontraram na Amazônia o terreno fértil e propício para a localização exata dos mitos repassados pela tradicionalidade, como o local exato da fonte da eterna juventude, do paraíso terrestre e, claro, do fantástico reino das amazonas, as mulheres guerreiras.

Rachel Soihet (1998) descreveu que durante o século XVI proliferava na Europa inúmeras versões sobre um determinado País de Cocanha, onde a abundância era predominante, da existência de montanhas de queijo ralado, rios de leites, taludes de ricota, marzipãs e manás, além da liberdade sexual onde todos andavam nus e ninguém pensava em trabalhar.

Essas histórias se alastraram por toda a Europa e acabaram sendo conhecidas por Menocchio – o moleiro que nos foi apresentado por Carlo Ginzburg em *O Queijo e os Vermes*. Perseguido pela Santa Inquisição por ter ideias consideradas contrárias aos dogmas e preceitos religiosos, “impregnado dessas ideias quando interrogado sobre o que achava do paraíso, Menocchio respondeu: ‘é como estar numa festa’. Nessa simples frase sintetizava todo esse universo, já que a festa é o lugar da utopia” (SOIHET, 1998,

p. 11).

Soihet nos descreve aspectos marcantes e cruciais para o entendimento dos mitos e lendas que foram gravadas na memória das populações europeias ao longo dos séculos de exploração e dominação do continente americano, relatos e histórias fortemente marcadas por exageros e que se passaram como verdades, uma história pautada na visão linear, de cima para baixo, cingindo a tônica para as conquistas e a adesão das massas ávidas por riquezas e aventuras, tudo fazia parte de uma estratégia cunhada na narrativa a fim de despertar interesses, financiar projetos de exploração e intervenção na América.

Esses mitos, assim como diversos outros mitos constituídos ao longo da história em diferentes sociedades, tem como base o lançamento de luzes e especulações sobre o desconhecido, sobre aquilo que pouco ou quase nada se conhece, como a Amazônia, que serviu de palco para as lendas das Amazonas (mulheres guerreiras), Mapinguari e tantos outros. Os mitos servem em muitos casos para essa aproximação com aquilo que pretendemos assimilar, conhecer, desvendar, revelar e isso é muito significativo, pois estabelece as aproximações da realidade com o imaginado.

Guerra (2014) demonstra que o fantástico passa a ter vida e nós, seres humanos, explicamos a nossa própria existência através da nossa imaginação, ela conclui afirmando que dessa feita não temos como afastar a realidade concreta, pois nós fazemos parte dessa realidade, sendo, portanto, uma expressão e produto de nossa imaginação. E ai está à fronteira do real e do imaginado, pois em muitos dos casos, os mitos são releituras de vivências do passado, a forma como lhe damos com isso é que dizem se estamos imersos no devaneio ou não.

A Amazônia estava inserida no imaginário do homem europeu como um campo vasto de conhecimento, lugares onde homem algum jamais tinha estado. Com uma riqueza sem tamanho. Era o palco perfeito para as especulações e imaginações das mais variadas. A Amazônia se descortinava nesse olhar estrangeiro como um paraíso pronto para ser “mapeado”, “decifrado”, “descoberto”.

De acordo com Gondim (2019) as viagens empreendidas para o *Novo Mundo* tinham como pano de fundo o imaginário que influenciou e acompanhou a visão do europeu sobre aquelas terras jamais vistas, ou seja, a descoberta dessas terras originou tensões que acarretaram nas especulações que aos poucos iam se aglutinando e se cristalizando em torno das já conhecidas visões seculares mantidas pelos homens do velho continente e, consequentemente, novos debates foram empreendidos em torno da própria ideia de raça humana, despertada pelos recém-descobertos habitantes do éden tropical.

Para Gondim, o homem da época estava pressionado a encontrar o *Paraíso Terrestre* e o paradeiro da fonte da eterna juventude. Ao qual a religiosidade afirmava que um grande rio nascia naquele local e as suas águas cobriam riquezas. Claro que a Amazônia recentemente inventariada e inserida no convívio e imaginário do homem europeu serviu a esses interesses, muitos viam nela a localização não só do paraíso, como da própria fonte citada, também se convertia no palco das cidades imaginárias, das plantas e ani-

mais exóticos, assim, como, das tantas construções que foram despertadas desde os tempos mais remotos e transpostas para a contemporaneidade. Eram exageros muitos comuns espalhados pelos primeiros viajantes que estiveram no Brasil.

A magia dessa terra nunca antes explorada se esgota, o sol infernal, o rio difícil e comum, a selva enfadonha e a desordem são alguns dos adjetivos utilizados pelo autor para demonstrar seu descontentamento com a travessia da região. A visão edênica logo vai dando espaço para uma visão carregada de desgosto e estigma, e é aí que se começa a aflorar um pensamento mais voltado para a desqualificação e inferiorização do lugar. A natureza já não é mais tão exuberante quanto antes, tornou-se monótona e sem graça, vazia de significados.

Sevcenko (1996) destaca que os aspectos concernentes ao reconhecimento da natureza desconhecida pelo viajante europeu desembocam em um lugar-comum, que seria a retirada da magia e do encantamento dado pelo imaginário à paisagem. O que sobra é a constatação de que, realmente, o colonizador tem diante de si não mais a adoração a esse grande desconhecido, mas, sim, a mata e o sertão bravio que não lhe oferece encantamento algum.

Portanto, a melhor coisa a se fazer, ou melhor, o ato dignificante do empreendimento colonial será justamente o desbravamento desse lugar pelo indivíduo. Retirar a mata para que se descubra por trás dela a riqueza que insiste em ocultar, e é por isso que a "natureza que, por sua vez, aparece aqui como inimigo a ser vencido e a ser espoliado" (SEVCENKO, 1996, p. 111). A mata já não é mais tão intransponível assim, agora é mais um entrave ao progresso do que qualquer outra coisa, ancorado nisso é que se metem a subjugá-la aos diferentes interesses.

E sobre isso, Sevcenko é pontual ao escrever que "nesse sentido é possível ver o processo da colonização como sendo comandado por duas cores fundamentais: o vermelho e o verde. O vermelho do fogo e o verde da mata" (SEVCENKO, 1996, p. 111). Eliminar esse verde é eliminar o atraso, é trazer o progresso, é trazer a região à existência, já que fora duramente refutada através das visões distorcidas.

A selva já não é mais uma muralha verde desafiadora e instigante, ela apenas circunda a vasta planície amazônica, está ali, pura e simplesmente, já não é aquela imensidão desafiadora, hostil e misteriosa, ou seja, o encantamento dado à contemplação do lugar enquanto espaço concreto e não do imaginário, desfaz qualquer mito ou inverdade acerca de suas fundações, essa é a fronteira entre o real e o imaginado.

A ideia de um *Mundo Perdido* também evocava esse paraíso que Fawcett buscava encontrar, seria a Amazônia o paradeiro do paraíso terrestre? Muitos viajantes, entre eles Fawcett e Fleming, julgavam que sim. Sadlier (2016, p. 17) demonstra que "o paraíso, descrito em obras dos primeiros holandeses vindos ao Brasil, apareceram claramente na obra de Frans Post". Post era tido como o primeiro pintor paisagista do *Novo Mundo*. Para a autora, "a visão edênica tornou-se um *tópos* essencial da literatura mais antiga escrita sobre o Brasil" (SADLIER, 2016, p. 17).

mediação
UEMG - UNIDADE UBÁ
EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
Ano 2026 Edição 14
Jan / Jun. 2022
ISSN 2317- 4838

A ideia de um paraíso existe desde os primeiros contatos com essas terras, o que insere a Amazônia nessa atmosfera imagética constante e interminável, pois os mitos e as imagens que eles suscitam se renovam constantemente. Gondim (2019, p. 77) demonstrou que os cronistas das mais diferentes nacionalidades, diante do rio e da mata externalizaram seus sentimentos que variaram do primitivismo pré – edênico ao infernismo primordial. Esse dualismo aguçou as visões europeias sobre a Amazônia e está presente nos mais diferentes relatos de viagens, desde Marco Polo aos relatos dos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e XX.

Percebemos, dessa feita, que os mitos são constituidores de imagens que partem do ponto de vista da assimilação, do contato com diferentes realidades e culturas, eles tentam aproximar o que está distante, através de construções identitárias. O mito pode não ser só um mito para a sociedade que lhe concebe, é por isso, que ele deve ser estudado em sua particularidade, a partir da sociedade representada, como os mitos tupinambás.

Estudar os mitos e as suas nuances histórias é estudar a receptividade dessas imagens em diferentes nacionalidades, é, antes de tudo, desfazer os maus entendidos, para que assim se escreva, de fato, novas abordagens históricas, partindo de dentro, dos significados dessas imagens para as sociedades que lhes deram vida, não para aquele sujeito que só vem, explora e vai embora, pois esses, muitas das vezes, não escrevem com as mãos de quem constitui e vive nessa atmosfera imaginada. É preciso ressignificar essas várias histórias contadas pelas óticas imperialistas e, assim, partir de dentro, nós falando por nós mesmos, sem precisar de interlocutores.

2.Fawcett e o eterno mistério da Cidade Perdida



Percy H. Fawcett, um ano antes de desaparecer. *Jack Fawcett, o filho, também foi dado como morto.*

Loureiro (2015, p. 89) nos demonstra que o poético tem uma dimensão de mito, é uma dimensão transfiguradora em que as fases históricas são entendidas e idealizadas como nas épocas de suas origens, esses mitos assumem um papel complementar na memória estética dos homens, o mítico e o poético contribuem para situar o presente em relação ao passado, essas relações acabam por reorganizar o passado em função do presente. Para Loureiro, “esses fatores analisados em culturas como a da Amazônia, pode revelar o papel imaginário estetizador e poetizante, no conjunto de funções que a constituem e estruturam” (Idem, p. 89).

Percy Harisson Fawcett (1867 – 1925) foi um explorador britânico que desapareceu em 1925, numa expedição à procura de uma civilização perdida na região do Xingú – Mato Grosso. E foi desde então que inúmeras expedições e estudos buscam encontrar os seus vestígios.

Fawcett embrenhou-se na mata em busca da cidade perdida dos bandeirantes, ao qual julgava

existir entre a Serra do Roncador, para ele, a cidade perdida era repleta de metais e pedras preciosas, encontrá-la era colocar o seu nome de vez na galeria dos heróis aventureiros e descobridores de tesouros, a cidade nunca foi encontrada, assim como o expedicionário que se juntou ao rol das histórias misteriosas e fantásticas do interior da Amazônia.

Essa cosmogonia do mito que motivou Fawcett em sua aventura pelas selvas do Brasil central foram resultados de construções do pensamento coletivo e individual que vigorou na Europa nos séculos XVI e XVII, são conceitos, crenças e ideias que moveram o cursor da história para uma cultura herdada pelos europeus, baseados nos mitos e nos imaginários sobre uma localidade distante e divergente.

Antônio Callado, repórter da Revista Realidade de Junho de 1975, objeto de nossa análise, nos conta que Fawcett acreditava não só na existência da Cidade Abandonada da Bahia como em várias outras cidades, talvez ainda mais importantes, Callado acrescenta ainda que ele tinha triunfos na arqueologia, como, também, acreditava no sobrenatural e o espiritismo tinha muito a ver com essa sua busca, já a Arqueologia marcou a época em que ele viveu, a Ficção Científica marcou a nossa; já a magia marca as duas2.

De acordo com a Revista Realidade (1975), Fawcett acreditava que essa Cidade Abandonada tinha provas suficientes da existência de uma antiquíssima civilização pré-colombiana e pré-incaica no Brasil, por isso ele intentou encontrar tudo isso sozinho, para que pudesse estuda-la em suas diferentes composições e assim ganhar o devido prestígio perdido por aqueles que ignoram a sua existência.

Através dessas construções imagéticas podemos perceber que os mitos têm, antes de qualquer outra coisa, o poder de desafiar, de encontrar os segredos ocultos, de fazer existir aquilo que é perpassado na oralidade, de comprovar a veracidade das histórias, e isso é um desafio que instiga, pois as comprovações de vários outros fatos na história partiram da dúvida, e é por isso que os mitos tem esse feeling a mais, pois eles incomodam tanto, ao ponto de nos fazer ir até lá.

Conforme nos demonstra a Revista Realidade (1975), a história sobre a cidade abandonada vinha sendo narrada desde *a Relação Histórica de Huma Occulta e Grande Povoação Antiquíssima e sem Moradores, que se Descobrio no anno de 1753*, que foi uma tentativa de Brian Fawcett, em 1955, de distribuir através dos impressos, o panorama da área de selva que seu irmão poderia estar vivo e cativo.

Trata-se de uma construção baseada em outros relatos expedicionários de investigação e na suposta aparição de um esqueleto humano da lagoa verde, que através de estudos descartou-se a possibilidade de ser do seu irmão, a lagoa verde é um ponto próximo ao Culuene, o que alimentou ainda mais as especulações a respeito de seu paradeiro.

A Revista conta ainda que um dos pioneiros a se embrenhar na meta em busca de metais, como a prata, foi o Mestre de Campo João da Silva Guimarães, que passou mais de vinte anos em busca das Minas de Prata, acabou por encontrar algum metal branco que foi examinado na casa da moeda. Não era prata.

A Revista então especula: - “Terá esse desapon-

mediação
UEMG - UNIDADE UBÁ
EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
Ano 2026 Edição 14
Jan / Jun. 2022
ISSN 2317- 4838

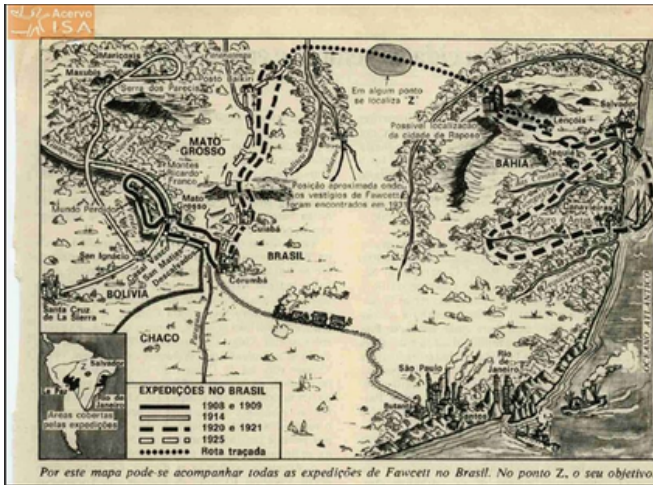
tamento levado o bandeirante a inventar sua Relação, em que acomete 'Alpes e Pyrineos Brasílicos', para vingar-se do destino criando uma lenda?" (REALIDADE, 1975, p. 106). A Relação era intitulada: D'este Sertão da Bahia, e dos rios Paracaçu, Una. O que se sabe é que além dessas antigas esperanças de encontrar as Minas de Prata do Muribeca, o sertão da Bahia passou a conter as promessas de uma cidade inimaginável.

Sobre a Cidade Abandonada, a Revista Realidade (1975) conta que a sua primeira vítima foi o Cônego Benigno José de Carvalho, português de Trás-os-Montes, autor de *A Religião da Razão*. José acabou lendo a Relação, escrita por João da Silva Guimarães, e com isso subiu o Paraguaçu até a barra do Una, fez soar um falso alarme do encontro da cidade na região da Serra de Sincorá. Andou quatro anos em meio ao sertão, morreu em Salvador em 1848.

Teodoro Sampaio realizou as *Viagens através da Chapada Diamantina em 1879*, essa viagem intentada por ele praticamente liquidou a história do bandeirante de 1753. Sobre esses aspectos a Revista acrescenta:

> Pernoitou na lapa de Maxabomba, zona das nascentes do Una, e descobriu, nas paredes da caverna, desenhadas com tinta vermelha, umas figuras, um tanto apagadas, imitando animais e o homem, outras como algarismos ou sinais usados pelos vaqueiros, para marcar o gado. Recordei-me então das inscrições encontradas na referida Cidade Abandonada... E reconheci a perfeita semelhança dos caracteres que tinha à vista com os das citadas inscrições. (REALIDADE, 1975, p. 106).

Teodoro achou que se encontrava no próprio sítio em que os bandeirantes teriam estado. Ao passo que ele procurou algo que se assemelhasse com as ruínas descritas pela tradição, como as praças ou estátuas, somente as serras ou formações geológicas estranhas poderiam, em um só delírio, aproximar-se das já descritas na Relação.



Por este mapa pode-se acompanhar todas as expedições de Fawcett no Brasil. No ponto Z, o seu objetivo

De acordo com a reportagem da revista nada indica que Fawcett tenha ouvido falar de Teodoro Sampaio ou de suas histórias, mas talvez tenha tido algum contato ou notícia da Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas, que realizou Hércules Florence, em 1827. Nessa viagem, em uma Serra da Chapada ao norte de Cuiabá, Florence encontrou um cenário com rochas que julgaram fantásticas, segundo ao qual: "Nos montes e na planície, por toda parte, avistam-se grupos de pedras que, com os contrafortes, semelhamos restos de uma cidade imensa, em que durante séculos imperara a mais nobre arquitetura" (REALIDADE, 1975, p. 106). Não precisamos repetir que Fawcett acreditou cegamente na criação dessa cidade.

Fawcett gozava de certo prestígio por sua des-

treza com a Geografia e por suas explorações já feitas anteriormente, coronel experiente, teria adquirido renome. Por volta de 1920 estava pronto a entrar em uma primeira aventura exclusivamente brasileira, a de procurar a Cidade Abandonada. Esta cidade ou este lugar que tanto encantara Fawcett era o misterioso ponto Z entre os rios Xingu e S. Francisco.

Brian, em nota de rodapé, descreve que a área aonde o seu pai localizara Z não era tão desconhecida como ele fazia crer, tornando-se, anos mais tarde sobrevoadas regularmente pelas linhas áreas brasileiras, sem que, sobretudo, descortinassem ante aos olhos dos tripulantes quaisquer ruínas. Ele conclui que investigou por conta própria, de avião, a possível posição dada por seu pai, não encontrou absolutamente nada.

Conforme nos apresenta a Revista Realidade de 1975 (p. 109), a expedição composta por Fawcett, seu filho Jack e um amigo deste, Raleigh Rimell chegou ao Brasil em janeiro de 1925. O velho tenente-coronel pretendia completar seus 58 anos em Z, no meio da sua cidade, mais antiga que qualquer outra do mundo.

Teriam partido de Cuiabá, a pé, em meados de março, rumo ao Posto Bacairi, do serviço de proteção aos índios, no rio Paranatinga. Chegaram a Bacairi em 20 de abril. Segundo a carta de Jack erraram o caminho três vezes e Raleigh já mancava de um pé infeccionado devido a mordidas de carrapatos. Em 29 de maio de 1925 chegou a família sua última mensagem, datada do Campo do Cavalo Morto. Ali estavam preparando-se para o mergulho na floresta, da qual não retornariam mais.

Como podemos perceber a história de Fawcett é embebida por mitos e constatações de realidades e irrealidades, criações para sermos exatos, são frutos de construções seculares do devaneio, da busca por riquezas, da imersão aos lugares desconhecidos, fabulosos. Os mitos nem sempre são decifrados e é essa a essência do mito, continuar movimentando e fomentando o pensamento coletivo ou individual, nas trocas sociais que se sucedem no tempo.

O mito, portanto, é mola propulsora para manter viva a tradicionalidade e a culturalidade de um povo. Uma sociedade pode muito bem ser representada e vista através de seus mitos. Compartilhamos do mesmo pensamento de Octávio Ianni na introdução a obra *Cultura Amazônica: a poética do imaginário*, de João de Jesus Paes Loureiro (2015), de que a arte tem sido um terreno fértil tanto para o deslumbramento quanto do esclarecimento. E isso tem gerado uma nova forma de ver e de pensar os mitos e as suas representações.

Loureiro (2015) ainda estabelece que o que se inventa existe, pode ser muito real. E isso porque muitos tomam a invenção como referência, vivência, possibilidade ou realidade. E, por isso, há momentos em que não se sabe onde realmente está a Amazônia. Como ela teria sido. Como realmente é, já que é narrada em diferentes modulações. Para Loureiro, é isso que constitui o mito, já que ele é algo que teria sido; que teria existido ou que permanece desconhecido.

Ainda, segundo Langer (1996), as cidades imaginárias foram concebidas não só pela imaginação como pela própria ciência, através de um discurso racionalista empreendido pela arqueologia e foi então que a partir do século XIX

os exploradores buscaram comprovar a existência delas, mas geralmente sua única fonte básica de informações era justamente o mito e nele se jogavam na tentativa de que pudessem ser uma cópia fidedigna do lugar narrado, as fronteiras entre o real e o imaginado ainda não estavam muito bem definidas, o mito não era só uma invenção, precisava ser, antes de tudo, uma comprovação empírica de quem viu e ouviu a história de perto.

Segundo Langer (1996) o centro de diversas investigações no campo do imaginário tem sido justamente os mitos e as utopias como legitimadores de poderes políticos, das visões e dos sonhos que influenciaram as viagens e explorações. A fantasia constitui um terreno fértil para especulações das mais variadas espécies.

Com isso, podemos perceber que as imagens evocadas pelos diferentes viajantes ao longo dos anos evocaram esse sentimento de pitoresco, ao mesmo tempo em que servem para a documentação e a domesticação dessas regiões colonizadas. É uma forma de aproximação pautada pela aventura, pelas criações e invenções acerca de uma natureza e uma região não familiar, foi pelo intermédio dessas criações imaginárias que a Amazônia se viu representada em seus mitos e lendas, criadas mais para impressionar do que para representar a região e é claro que a região não é só isso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo percorremos os caminhos dos mitos, demonstrando que ao longo da história eles incorporaram realidades que se fizeram nossa, mas que não passaram de construções macaqueadas do pensamento do viajante que buscava o enriquecimento exacerbado, a qualquer custo, inclusive de sua própria vida.

Percebemos aqui que os mitos foram, antes de tudo, propulsores de um pensamento cristalizado ao longo de séculos na Europa, da existência e localização de cidades imaginárias, de rios fabulosos, mulheres guerreiras, paraíso terrestre e tantas outras imagens que encontraram na Amazônia o seu paradeiro, construções responsáveis por encobrir outras realidades e outros conhecimentos, como aqueles experimentados pelas comunidades tradicionais.

Todas essas construções constituem os espaços dos imaginários, frutos de debates e de estudos por longos anos e, vimos aqui, que são debates longe de terminar, ainda há muitas narrativas que esperam por serem estudadas, outras se quer são citadas em estudos desafiadoras, como esse nosso.

Os empreendimentos pelos caminhos das configurações das imagens nos demonstraram que muita coisa foi dita acerca da Amazônia e das suas populações tradicionais, mas foram ditas ao custo de silenciamento, de vidas, de ocultações de histórias e visões que respondiam a esses discursos de maneira categórica.

Durante anos, os mitos tomaram o lugar de destaque nas sociedades que lhes deram vida, foram os responsáveis pelos diversos empreendimentos que se sucederam na tentativa de desmascará-los, compreendê-los, comprová-los, ávidos por dinheiro, por prestígio e por aventuras de tirar o fôlego.

É preciso que comecemos a olhar de dentro, de quem participa desse processo histórico, produzindo contra discursos. Mostrar que para

além do exótico e da fantasia, aqui estão povos, modos de culturas, de sobrevivências, o que fazemos aqui é um processo lento, demanda tempo e anos de estudos, pois o estudo dos mitos é como um campo minado, pois por trás dos mitos, há sempre uma dose de exageros, de intenções que se passam como verdades, pelo menos aquela que é mascarada por quem detém o poder da narrativa, por quem criou as imagens, sempre com o intuito de demonstrar algo ou disfarçá-los.

O desafio do século XXI é fugir das teias das novas formas e maneiras de colonizar pensamentos e discursos, pois estamos longe de pensar por nós mesmos, mas as ferramentas estão aí para serem usados, os processos teóricos e metodológicos nos permitem ir além, usar as próprias ferramentas deles e a partir disso dizer não, as coisas não são assim, são desse modo e precisam ser encaradas assim.

O desafio do século XXI é fugir das teias das novas formas e maneiras de colonizar pensamentos e discursos, pois estamos longe de pensar por nós mesmos, mas as ferramentas estão aí para serem usados, os processos teóricos e metodológicos nos permitem ir além, usar as próprias ferramentas deles e a partir disso dizer não, as coisas não são assim, são desse modo e precisam ser encaradas assim.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CALLADO, Antônio. O Mistério da Cidade Perdida. São Paulo: Revista Realidade. Editora Abril – Junho de 1975. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/realidade/213659> acesso em: 02/03/2022

GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia**. Manaus – AM: Editora Valer, 2ª edição, 2019, 340 p.

LANGER, Antônio. Arqueologia do irreal: as cidades imaginárias do Brasil. Curitiba: UFPR, 1996.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário.** Belém – PA: Cultural Brasil, 2015.

MUSSA, Alberto. **Meu destino é ser onça**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SADLIER, Darlene J. **Brasil imaginado: de 1500 até o presente**. Darlene J. Sadlier; tradução: Flavia Bancher. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

SEVCENKO, Nicolau. **O front brasileiro na guerra verde: vegetais, colonialismo e cultura**. São Paulo: Revista USP, Junho/Agosto de 1996. P. 108 – 119.

SOIHET, Rachel. Reflexões sobre o carnaval na historiografia – algumas abordagens. UFF: **Revista Tempo 7**. Disponível em: <biblio-historiografia/tempo/artigos_livres/artg7-8.pdf> acesso em: 22/10/2020.